

SEM FRONTEIRAS

*Histórias de trabalhadores
voluntários pelo mundo*



SEM FRONTEIRAS

Histórias de trabalhadores voluntários pelo mundo

Dados do IBGE, ONU e arquivos da CIA mostram que a pobreza, a falta de um ambiente condizente com o desenvolvimento humano e condições higiênicas precárias afetam mais da metade da população mundial.

Números como esses fizeram com que os países se mobilizassem para a causa e criassem programas de auxílio à alimentação, educação e desenvolvimento de políticas públicas.

Mas algumas localidades ainda carecem de assistência, ou a velocidade com que a ação governamental as alcança não é suficiente para as necessidades da população. Nesse contexto, organizações não governamentais (ONGS) entram para uma assistência mais rápida, contando com a solidariedade de pessoas ao redor do mundo.

Mas engana-se quem acre-

ditada que elas são meramente assistencialistas. Uma pesquisa realizada por Lester Salamon, da Universidade John Hopkins, dos Estados Unidos, mostra que dos 40 países pesquisados, o valor mobilizado pelas ONGs por ano equivale a U\$ 1,9 trilhão - se fosse um país seria a 8ª maior economia do mundo.

Tais cifras são resultados de um crescimento vertiginoso pelo mundo. Só no Brasil, de acordo com dados do IBGE estima-se que cerca de 400 mil ONGs atuem hoje, 139% a mais do que há 10 anos.

Para Salamon, estamos em uma revolução associativa global, em que a descrença crescente nos poderes do Estado gerou um vácuo que as ONGs souberam aproveitar.

Com a intensificação da globalização, a escolha de uma organização para se associar não é mais restrita por

uma questão geográfica. Fazer parte de um projeto do outro lado do mundo se tornou uma realidade e uma possibilidade muito utilizada pelos voluntários na última década.

Organizações como os *Médicos sem Fronteiras*, *AIESEC* (Associação Internacional de Estudantes de Ciências Econômicas e Comerciais, na sigla original) e *Voluntários.org* - dentre outras centenas - surgem como opções para intermediar esse desejo de participar de programas internacionais e os possíveis voluntários. Alguns casos, como no *MSF*, as despesas são custeadas pelo programa e em outros, a exemplo da *AIESEC*, pagos pelo próprio voluntário.

Leonardo Barbosa, Luísa Karam, Bébhinn Ramsey e Juliano Siqueira fazem parte dessa nova realidade, que mostra uma mudança nas tendências do trabalho voluntário global.

**Universidade Federal de Santa Catarina
Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo
Sem Fronteiras - Histórias de Trabalhadores
Voluntários Pelo Mundo**

**Fotos: Arquivo pessoal
Projeto gráfico e textos: Julia Ayres Vieira
Prof. Orientador: Jorge K. Ijuim**

Julho 2014

Ao som de Bandung

A maior economia do sudeste asiático começa a crescer depois da crise do Petróleo em 1970. Mas a destruição de renda e as drogas ainda trazem problemas ao país

Em uma rua movimentada de Bandung, na Indonésia, começa uma música conhecida dos brasileiros. Não é Michel Teló, nem qualquer sertanejo universitário. O Seu Jorge cantado em sussurros e acompanhadas com os acordes de um violão, que pareciam tímidos em meio a tantas buzinas e passos rápidos, cortava as ruas e passa quase despercebida pelas pessoas.

Leonardo Lenzi Barbosa se misturava às centenas de músicos de rua que trafegam diariamente pela cidade. A diferença não está só na escolha da música, que foge dos *hits* das paradas americanas, mas também na aparência.

Entre homens sérios com feições carrancudas e linhas de expressão fundas, um rosto jovem e sorridente. A pele clara contrasta com os *hijab* negros usados pelas mulheres. As calças largas pareciam ainda mais soltas se comparadas com os jeans apertados daquelas outras mulheres que decidiram deixar a tradição milenar de lado.

A imersão no dia a dia dos músicos não é apenas mais uma irreverência de mochileiros brasileiros na Ásia. Faz parte de um projeto criado pela AIESEC – uma organização estudantil que leva milhares de jovens para trabalhos voluntários todos os anos – que visa tentar trazer mais dig-

nidade para aqueles que fazem das ruas suas casas. Crianças, músicos e artistas de rua têm na ONG uma oportunidade de aprender outras línguas, culturas e aprimorar conhecimentos básicos de matemática ou geografia.

- Era bem aleatório quem ia lá na nossa ONG. Não íamos atrás de ninguém – lembra Leonardo enquanto sopra a fumaça do cigarro com calma, como um personagem de Lewis Carroll.

Trabalhar com arte e ensino era exatamente o que Leonardo queria quando saiu aos 23 anos de Florianópolis para passar dois meses na Indonésia. Graduando em Geografia pela Universidade do Estado



A comunicação com as crianças era feita com a ajuda de um intérprete



Na ONG, Leonardo Barbosa acompanhava a rotina de crianças e artistas de rua

de Santa Catarina, a escolha foi por um lugar que criasse um choque cultural suficiente para fazê-lo encarar as coisas de maneira diferente, ter uma visão mais abrangente das culturas ao redor do mundo, algo importante para a profissão que pretende exercer.

E choque foi o que ele recebeu. O primeiro ainda no aeroporto. Ao conhecer a família que iria alojá-lo, a sutil inclinação para um beijo no rosto

deixou os indonésios estarecidos. Uma das irmãs, a mais nova e também mais fechada da dupla, se escondeu atrás de seu véu para não tocar o fofresteiro. O pai calmamente explicou que não era assim que se cumprimentava na Ásia. Com o braço firme estendeu a mão: “É assim”. Leonardo estendeu a mão com cautela e apertou forte a do pai.

Com 230 milhões de habitantes, a Indonésia é consi-

derada o maior reduto islâmico do mundo. Quase 60% das pessoas ainda têm traços da religião arraigados na cultura e nos costumes, o que é refletido principalmente na maneira de se portar na frente de pessoas que não pertencem à família. Porém, a maior economia do sudeste asiático vem se abrindo cada vez mais aos costumes ocidentais. Forçada, em parte, pelo forte turismo, que movimenta 15% dos

U\$ 878 bilhões do PIB do país (em 2012). O restante é dividido entre a produção de petróleo, gás natural e na mineração.

Para Leonardo, lidar com crianças era um pouco mais simples. Mesmo sérios e respeitosos, os mais novos se soltavam mais. Não chegavam a abraçar, mas se aproximavam mais do jeitinho brasileiro com sorrisos furtivos e uma contato físico mais intenso. Com eles, Leonardo ensinava inglês em uma escola financiada pelo governo da Indonésia de segunda a sexta. A ajuda de um tradutor na sala era indispensável, já que o *bahasa* – um dos 300 dialetos falados no arquipélago – é muito complicado.

- Uma mistura de alemão, japonês e árabe. Os fonemas até que eram parecidos, mas não tinha condições de me comunicar com crianças de cinco, seis, oito anos sem ajuda. Na rua é mais fácil. Eles falavam inglês. Mais do que eu imaginava, até.

Os materiais utilizados nessas aulas eram muitas vezes reaproveitados em uma ONG de portas e paredes vermelhas em cima de uma ponte. Embaixo dela, carros e ônibus passavam voando como se sempre atrasados. O barulho alto fazia com que fosse mais

fácil conversar e ensinar em meio as ruelas do bairro, onde as maiores distrações eram os olhares curiosos de pessoas mais velhas ou de crianças que se escondiam atrás de postes para escutar sem ser vistos.

“ Quando nos viam andando, todos ficavam curiosos. E essa inquietação abria muitas portas para conversa

- Quando eu ou qualquer outro voluntário passava era visível que não éramos de lá. Isso gerava uma curiosidade na hora e essa curiosidade abria portas. Eles eram muito mais receptivos e abertos para as pessoas de fora.

Crianças vindas de famílias carentes eram levadas pelos pais àquela pequena casinha que não caberiam mais de vinte ao mesmo tempo. Muitos dos que chegavam pediam dinheiro na rua e viviam às custas da bondade alheia para receber comida e alguns trocados no fim do dia. Outros, normalmente os que apareciam sozinhos, tinham mais dificuldade, como o vício em

algumas drogas como a cola e o *putawn*, a heroína local.

- É que nem aqui no Brasil. Muitas crianças eram viciadas em cola. Principalmente onde estávamos instalados, em uma comunidade mais pobre na cidade. Eles não eram violentos nem nada parecido, mas era triste. Você pensa em Bali e toda aquela riqueza e não lembra que as pessoas que moram lá, ou muito perto, passam por problemas assim...

Independente da vontade, a ONG não tentava reabilitar as crianças a sair do vício. Por serem intercambistas e sabermos que o convívio tem um prazo de validade, era mais seguro não se envolver nessas questões. Para ajudar os dependentes, os voluntários costumam ensinar outras habilidades como pintura, música, dobraduras, malabarismos. Qualquer coisa para ocupar e tentar tirar o foco das drogas que corriam pela rua.

Para tentar controlar a situação dos entorpecentes, em 2007, o governo indonésio criou leis mais rígidas. Uma prevê pena de morte para pessoas flagradas traficando drogas. O problema é ainda mais comum em cidades não turísticas. Diferente dos grandes centros brasileiros onde as duas coisas normalmente andam juntas, apenas em áreas distintas da

cidade, na Indonésia os pontos turísticos eram mais cuidados pelo governo para não chocar. O restante da população, que normalmente era mais carente, vivia em cidades como Bandung, a quarta mais populosa da Indonésia, com 2,4 milhões de habitantes, e não eram tão atendidas pelas assistências públicas.

Foi com uma dessas crianças que Leonardo foi pela primeira vez às ruas movimentadas de Bandung com um violão a tira colo. E mais uma vez a falta de aproximação física, típica do islamismo, se mostrou presente. Diferente do Brasil, onde os músicos de rua normalmente sentam-se no chão ou se encostam em uma parede para tocar suas notas para quem quiser ouvir – e eventualmente parabenizá-los com uma moeda ou duas –, na Indonésia as pessoas são “perseguidas” até prestarem atenção.

Quando um músico encontra um possível “alvo”, começa a dedilhar com agilidade os ritmos animados das canções da Indonésia, aproximando-se calmamente. O som vai aumentando assim como a ferrosidade das notas. E não adianta um olhar malcriado para tentar despistar. Apenas algumas rupias afastam os artistas que então iam em bus-

ca de uma nova pessoa para quem tocar.

- Eu tentei tocar músicas brasileiras, mas elas não fizeram muito sucesso por lá. Eles olhavam estranhando e pediam alguma americana. Não tinha muito jeito.

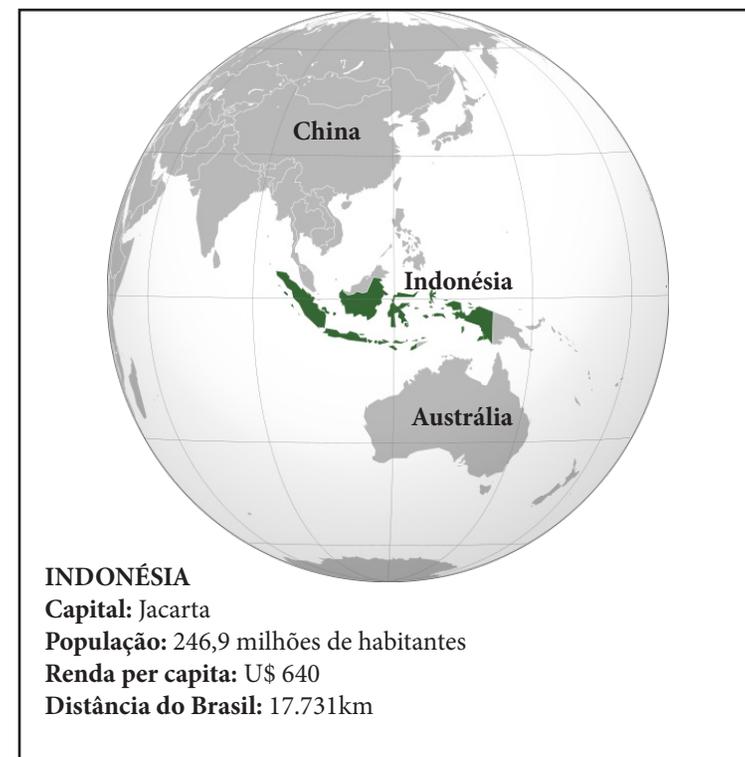
Conviver com eles era uma das maneiras de perceber o que poderia ser melhor no dia a dia daqueles músicos. Um conhecimento um pouco melhor de inglês, talvez, poderia tirá-los dessa situação e colocá-los em um emprego formal. Outras vezes uma conversa já tornava aquele dia ou semana mais fáceis.

Ao final dos dois meses,

Leonardo voltou ao Brasil mais inclinado à licenciatura e com um novo sentimento de saudade, que o dicionário de *bahasa*, comprado na internet e já empoeirado pelas andanças pela cidade ainda não conseguia compreender.

- Com a filha mais velha da família que me abrigou tive uma ligação muito legal. A gente chegou a se chamar de irmão e irmã. Era um carinho diferente. E vindo de um povo mais fechado, foi importante.

Era quase que uma confirmação de que o jeitinho brasileiro, cheio de abraços, contagiavam até os mais sérios povos pelo mundo.



Um verão queniano

Em meio à savana africana, a terceira maior favela do mundo abriga grande parte dos 20 milhões de quenianos que vivem abaixo da linha da pobreza

- No Quênia não se chora.

As palavras de Raphael, um dos líderes da favela de Kibera, em Nairóbi cortaram o silêncio como uma faca. Além da sentença rompante, apenas o som de passos bem ao longe ou ratos passando pelas ruelas de barro eram audíveis.

Essas eram as últimas palavras que Luisa Follador Karam esperava escutar, mas a fizeram perceber que ela realmente estava longe de casa. A escolha pela maior cidade do Quênia e a terceira maior favela do mundo – perde somente para Maharashtra, na Índia e Neza, no México – não foi simples. A curitibana, de 20 anos, fez uma pesquisa extensa sobre lugares onde poderia fazer trabalho voluntário. As restrições eram simples: o país

não podia estar passando por guerra civil, e os habitantes tinham que falar o mínimo de inglês, para facilitar a comunicação. Os radares logo foram apontando para a África.

- Temos uma dívida histórica com o continente. Não só nós brasileiros, como o mundo todo. A maneira como dominamos as pessoas, a terra, despedaçamos a cultura e deixamos todos a ver navios depois é algo que ainda precisa ser repostos.

Essa é a razão que a grande maioria dos voluntários aponta quando questionadas do porquê da incursão por um país tão pobre e com dificuldades. E não podia ser diferente com Luísa.

Quando chegou no meio de um dia ensolarado no auge do verão queniano, o choque foi

grande. Um cheiro forte queimava o nariz enquanto andava de *matatus*, um tipo de van local. O esgoto a céu aberto se misturava com o lixo que se acumulava sem vergonha ao lado das casas e nas calçadas. Pessoas pulavam os sacos de lixo como se fosse o exercício diário.

No Quênia, cerca de 40% das pessoas vivem abaixo da linha da pobreza, o equivalente a duas vezes a população da cidade de São Paulo e mal têm condições básicas de higiene. Por mais triste que a realidade aparentava, era isso o que Luísa tinha em mente quando deixou o Brasil.

O destino foi uma pequena escola na favela de Kibera. Mas ao chegar lá, viu que a situação não era como aquela vista nas propagandas de ajuda huma-



No país, escolas públicas não são financiadas pelo governo e dependem de voluntários

nitária que levavam lágrimas aos olhos dos telespectadores. A escola era cimentada e os estudantes utilizavam uniforme passado e faziam refeições diárias. Sem muito o que poder fazer, a brasileira atuava como babá das crianças menores, enquanto o dono da escola, Raphael, e o professor voluntário lecionavam para os que tinham mais de sete anos.

Depois de duas semanas, veio a mudança. Um desentendimento dentro da casa do líder comunitário foi o estopim para o pedido de realocação. Ao sentar-se à pequena mesa que cambaleava para mais uma refeição que seria feita em um silêncio digno de monges tibetanos, Luísa não aguentou quando a filha de Raphael entrou cabisbaixa na pequena cozinha, se ajoelhou no chão batido, lavou suas mãos com calma e muito cuidado e saiu sem nem olhá-la nos olhos. Sentou-se à mesa apenas ela e Raphael. Afinal, mulheres e crianças quenianas não comem junto a outras pessoas.

A indagação sobre o porquê de tal segregação foi cortada antes mesmo de ser externada por um choro fulminante. A única reação esboçada pelo queniano, no entanto, foi levantar levemente a sobrancelha e fitá-la com intensidade.

Os olhos negros como breu de Raphael eram vazios de qualquer sentimento. Por um segundo, Luísa sentiu medo daquelas pesadas mãos que ainda seguravam a comida.

“A filha mais nova do casal lavou suas mãos sem fitá-la e saindo cômodo.

Afinal, não podia sentar-se à mesa

— No Quênia não se chora.

No dia seguinte, ao acordar em seu quarto de 11m² e quase tropeçar nos outros dois filhos do casal que dormiam em mantas finas como papel no corredor, Luísa entrou em contato com a AIESEC, organização estudantil que leva milhares de universitários para a realizar trabalho voluntário pelo mundo, e que a tinha levado para aquela pequena casa no meio da favela. A mudança foi feita e ela foi realocada para Mathare, onde também trabalharia em uma escola infantil.

Assim como no caso da primeira escola, o “diretor” era um líder da comunidade. Como no país africano o Esta-

do não fornece auxílio básico à educação, a população fica dependente da boa vontade de pessoas que vivem em condições tão precárias quanto aqueles que estão sendo atendidos pelo ensino “público”.

Mas nesta escolinha, a situação era completamente diferente. A área de pouco mais de 100m² abrigava cerca de 30 crianças, entre um e 14 anos. Todas se amontoavam em bancos improvisados feitos de grandes toras de madeira, que nem lixados foram, e no chão batido. Não existia material escolar e muitos dos pequenos mal sabiam falar.

Uma nova escola e uma nova favela significavam adaptação. Todo o medo que assolou Luísa durante as primeiras noites estavam de volta. A saudade de casa e a lembrança do namorado que tinha deixado no Brasil começavam a ser difíceis de suportar.

- Eu ficava vendo as fotos dos amigos nas baladas, colocando aquelas fotos de joelhos bronzeados na praia e a dúvida batia. Será que eu tinha sido precipitada? Será que eu ia aguentar mais dois meses daquilo? Tomar banho de canequinha não é tão glamoroso quanto parece em novelas italianas...

Pelo menos, na nova família que a recebeu, a casa tinha



A favela de Kimera é a terceira maior do mundo, menor apenas que Maharastra, na Indonésia e Nezo, no México



Ainda como reflexo da colonização inglesa, as crianças vestem lã em pleno verão queniano

chuveiro. Uma coisa simples, mas que fez uma grande diferença para Luísa. Água quente tinha se tornado um luxo naqueles dez dias no Quênia. No primeiro banho que sentiu a água corrente descer com força, mesmo que cortada pela conexão ruim, e bater com vontade em seu corpo, ah, a

distância do Brasil se tornou até menor.

Renovada, Luísa pode se dedicar ao que tinha ido fazer na África: mudar vidas. E tudo começou quando pisou na nova escola. Projetos de reforma logo pularam à mente. Uma tinta ali, um cimento lá, um fogão mais adiante. Eram

muitas reformas em pouco tempo e com nenhum dinheiro disponível.

Enquanto pensava em uma solução, Luísa dava aulas junto com outra brasileira, Maíne Guerra. A gaúcha chegou também pela AIESEC e se mudou para a nova casa da estudante. As duas se dividiam em um



quadro negro dos dois lados de uma parede. Enquanto uma falava em números e matemática, a outra aprendia sobre a geografia básica do Quênia e lecionava ao mesmo tempo. Uma confusão que parecia dar certo.

- O que mais impressionava era o sorriso no rosto deles. Independente das dificuldades, da precariedade da situação, eles estavam sorrindo. Era uma felicidade e otimismo que não tinham tamanho. Contagiava – comenta enquanto os olhos começam a lacrimejar. Como se saindo de uma memória distante, Luisa volta à conversa e passa com rapidez os dedos pelos olhos. – Onde eu estava?

E uma dessas fontes de entusiasmo se chamava Mu-

sangi. As bochechas grandes e o cabelo curtinho todo para cima estão estampados em grande parte das fotos pelo quarto de Luisa e nas redes sociais. Mas a realidade dura da pequena menina de cinco anos a fazia ser mais reclusa. Ficava sempre no canto mais distante da sala com a cabeça baixa e focada nos livros.

Luisa tentava se aproximar aos poucos. Mas todo carinho era logo desviado por um movimento rápido e cor-

“O que mais impressiona nas crianças é aquele sorriso sempre presente

tado com um braço estendido com força e um *finished* dito com dureza. Ela queria sempre aprender mais e mais. Queria mais tarefas. Mas a falta de material impedia até que Luisa passasse mais atividades para Musangi.

Era hora de começar a nova fase do projeto: reconstrução da escola. Isso significava negociar e em *swahili*, a outra língua oficial do Quênia, o que não era nada simples. Até o momento, poucas palavras eram conhecidas, como contar para poder pagar o transporte sem ser passada para trás por ser “europeia”. Lá não existe preço fixo para as vans e pequenos ônibus. Tudo dependia da hora do dia, do local para onde se ia e até da boa vontade do motorista.

- Por pior que seja, me fez lembrar de casa. Era o típico jeitinho brasileiro de tirar vantagem dos outros. Me senti quase no Brasil.

Em pouco tempo, tudo começou a se ajustar. As duas aprenderam a barganhar em *swahili* como ninguém. Uma campanha nas redes sociais foi iniciada e em duas semanas todas as 30 crianças da escola foram apadrinhadas por brasileiros. Cada doação era de R\$ 50, o que pode parecer pouco em padrões brasileiros, mas em xelim – que vale algo em torno de R\$ 0.02 - significava livros didáticos, material escolar, uniforme por um ano. Outras duas doações de valores mais altos – R\$ 200 e R\$ 2 mil – foram suficientes para uma reforma completa na escolinha.

Por três dias, as duas brasileiras fecharam a escola. Um feriado prolongado que foi visto com desconfiança pelas crianças e as famílias, mas que no fim valeria a pena. Com poucos dias para grandes mudanças, era preciso priorizar. O cimento no chão, que antes era batido, foi o primeiro passo. Enquanto esperavam secar, faziam compras pela cidade. Sacolas e mais sacolas eram entulhadas dentro das pequenas vans.

No final do primeiro dia,

quando o calor de 40 graus. começou a dar uma trégua, Luisa e Maíne voltaram à escola. Chegando lá, a surpresa. Um altar foi construído perto de uma das paredes a pedido do dono do terreno, um padre. Era a primeira vez que elas se deparavam com algo religioso no Quênia. A colonização prioritariamente inglesa não tinha levado grandes raízes religiosas para o país, diferente de lugares como Angola, mais ao sul da África, onde o catolicismo, herdado da colonização portuguesa, domina e dita grande parte das decisões da população.

“A colonização inglesa não tinha deixado grandes raízes religiosas no país, diferente de lugares como Angola, ao Sul

A intromissão do padre revoltou Luisa, que logo encontrou as palavras em *swahili* para mandar tirar o altar. A obra foi refeita e nenhum centavo foi acrescentado à conta. Era hora de pintar as novas cadeiras, as paredes e criar os kits para cada aluno.

A curitibana e a gaúcha passaram os três dias de reforma quase sem dormir. No dia da inauguração, em que a porta da escola ficou fechada até o último instante, o sono sumiu. O nervosismo era tanto que as meninas tremiam.

- Era aquilo que a gente tinha em mente quando foi para o Quênia. E não era só o nosso sonho, era o de todas as pessoas que adotaram as crianças. Tínhamos que mostrar serviço!

E mostraram. Assim que a porta abriu, as 30 crianças entraram cautelosas, como se tivessem medo de um mostro que pularia na frente delas. A sala agora clara e arejada em nada parecia àquela velha escola. As cadeiras acomodavam as crianças com conforto e não mais apertadas. Os pares de mãos encostavam em tudo, como que para garantir que era mesmo real.

Dentre os milhares de sorrisos, feitos mais brancos pela escuridão da pele de cada uma das crianças, e os olhos lacrimejados uma reação se destacou. Musangi saiu de seu canto habitual e foi correndo na direção de Luisa. Um abraço apertado e um “thank you” baixinho fizeram a estudante ter certeza que aquilo, sim, era a melhor recompensa possível.

Escapada à brasileira

Após a morte inesperada de seu marido, a irlandesa Bébhinn Ramsey fundou uma ONG em Florianópolis para cuidar de crianças portadores de doenças crônicas



Um auditório suntuoso, com grandes cadeiras cobertas de veludo vermelho. Um lustre de três metros pendurado no centro da sala cria uma reflexão de luzes dançantes em um palco de madeira. Em pé, uma menina de apenas sete anos de idade. Sem medo nem hesitação ela fita os líderes mundiais com um olhar de acusação.

Trinta anos depois, Bébhinn está novamente em cima de um palco. Desta vez não está dormindo e exigindo soluções

de Alemanha, Estados Unidos e Argentina para a fome no mundo. A irlandesa foi convidada a aceitar um prêmio, em 2004, de *Mulheres que fazem a diferença* por seu trabalho voluntário com famílias carentes em Florianópolis. Mas ela tem que admitir, a sensação é a mesma: revigorante.

Com 31 anos, casada e com dois filhos, Bébhinn Ramsey acreditava que tinha encontrado o caminho. Mas a morte de

seu marido, dois dias depois de contrair uma infecção nos Estados Unidos em uma viagem de férias, colocou sua vida de cabeça para baixo. Quando fala nele, a irlandesa não consegue manter a postura séria, tão conhecida daqueles que vivem na Grã-Bretanha. Logo os olhos ficam inquietos, as mãos começam a se entrelaçar nervosamente.

- Ele era o amor da minha vida, meu melhor amigo. A melhor pessoa que conheci.

Enquanto estava na Saúde Criança, 60 famílias passaram pela instituição



Apesar do longo tempo que já se passou, é difícil falar dele.

No dia seguinte ao enterro, passou a aliança de seu casamento de cinco anos para o dedo médio da mão direita. Ainda era cedo para tirá-la completamente. O período de luto foi intenso. Não eram só as roupas pretas que vestia religiosamente, mas o olhar sem vida e sensação de vazio.

Passada algumas semanas do falecimento, a vontade de honrá-lo começou a crescer

como uma erupção. Ele sempre fora conhecido como um homem engajado, que dividia a vida doméstica e profissional com trabalho voluntário. Era quase uma marca registrada, uma que a enchia de orgulho.

- Ele sempre fora muito ligado às causas sociais. Essa é a coisa que nossos filhos mais lembram dele e tentam repetir. Toda vez que damos um presente, seja chocolate na Páscoa ou dinheiro no aniversário, eles querem dividir – comenta

orgulhosa enquanto segura um deles no colo e lhe lasca um beijo estralado na bochecha.

Mas um dia, em meio a uma conversa com amigos, uma ideia surgiu. Iria criar uma ONG que ajudasse a angariar fundos para crianças e famílias em situação de vulnerabilidade social. Em pouco tempo, a organização cresceu e administrava uma quantia considerável de recursos. A facilidade com os números e

planilhas, de seus tempos de administradora, veio a calhar nesse momento. A homenagem ao marido Alastair aparecia no nome da instituição - Alastair Ramsay Charitable Trust - e nos pedidos diários de doações feitos ao telefone, e-mail, cartas e festas beneficentes.

- Chegou uma hora que eu me sentia usando o nome dele só para conseguir dinheiro. Apesar de ser uma causa... *dear to his heart* - fala, já se desculpando pela intromissão do inglês. - Tem algumas expressões que mesmo com os anos morando no Brasil ainda não consigo traduzir. Mas deu para entender, não? Eu estava começando a me sentir usando ele. Falar o nome antes das contas bancárias parecia algo forçado, quase cruel com a sua memória.

A solução não foi a mais comum. Com um filho só de cinco anos no colo e outro de dois no braço, Bébhinn deixou a ONG nas mãos de pessoas confiáveis e se mudou para o Brasil. Ela já tinha estado no país com o ex-marido. Na época que ainda namoravam, os dois se voluntariaram por quase dois anos no Rio de Janeiro.

Quando percebeu que precisava de uma mudança drástica em sua vida, a irlandesa

contatou a presidente da organização brasileira e propôs a abertura de uma nova sede. Para sua felicidade, a chefe da Saúde Criança também falava em expansão e passou o telefone de uma pediatra que a tinha procurado para abrir uma nova ONG em Florianópolis.

“ A homenagem ao marido estava nos pedidos quase diários para doações e em festas beneficentes

Bébhinn alugou a casa que tinha em Londres - afinal precisava de uma fonte de renda no Brasil e com a valorização da moeda inglesa daria para viver uma vida confortável. A primeira tarefa, trancar a casa antes da viagem, já pareceu hercúlea. Estava envolta em malas, com dois filhos no colo e com o descontentamento da família, que não entendia porque ela tinha que dificultar ainda mais a vida morando em um país de terceiro mundo. O “tic” que ouviu daquela porta vermelha no subúrbio da cidade da Rainha veio quase que

como um tapinha nas costas. Daria tudo certo.

Chegando em Floripa, a viúva encontrou uma casa perto da praia onde podia contemplar o mar e recarregar as baterias depois de um dia cheio no trabalho. E foi assim pelos três anos seguintes.

A rotina era pesada: idas diárias ao Hospital Infantil para conversar com famílias, indicadas pela direção do hospital, que pudessem precisar de ajuda. Como toda ONG, a Saúde Criança tinha um foco bem definido. A ideia era ajudar famílias em que alguma criança tivesse um problema crônico e vivesse em situação de vulnerabilidade social. Para quem vê de fora, a situação pode soar estranha. Florianópolis tem o maior IDH das capitais brasileiras - 0,847 pelo censo de 2010 - , mas para quem vem de um país com 0,91 de IDH e apenas 6% da população abaixo da linha da pobreza, mesmo depois da crise de 2008, a realidade catarinense pode soar como bem delicada.

Assim que conhecia as famílias, as convidava para participar do projeto na ONG. Cada família ficava cerca de dois anos - tempo suficiente para gatos deixarem de ser “felinos” e se transformarem em “miaus”, de apertos de mãos

se tornarem abraços acalorados com beijinhos. Era o tempo necessário para passar de “assistencialismo” para algo que realmente mudaria a vida das pessoas envolvidas.

De todas as 60 famílias que passaram sob seus cuidados nos três anos que ficou em Florianópolis, uma chamou atenção especial. Recebeu uma ligação do Hospital Infantil numa manhã de terça-feira. A direção tinha acolhido um menino de cinco anos, magro como um bicho pau e com os olhos fundos em meio a uma cabeça ligeiramente maior do que o normal. A criança foi acompanhada da mãe, Viviane, em meio a uma crise asmática. Ela era simples tanto nas roupas quanto no modo de falar. Era analfabeta e, por isso, não conseguia saber que remédios dar para a criança, que além da condição respiratória, também era soropositivo, e tomava uma enxurrada de drogas todos os dias.

- Era desolador. A mãe queria ajudar, mas não tinha os meios. Apesar de o governo brasileiro fornecer os remédios gratuitamente, ele não tomava porque não sabia quais que ele tinha que ingerir a cada dia. Quando chegamos, a assistência social queria retirar a criança da mãe.

O trabalho começou. Ensi-

naram Viviane a ler enquanto mostravam como alimentar melhor seu filho e a ela, afinal também sofria com a AIDS. Logo, a mãe conseguiu um emprego e começou a ajudar na renda da família. Conseguiu colocar os três filhos e o marido de volta sob o mesmo teto. Tudo ia se encaixando.

Aos poucos a memória de Alaister foi se tornando mais vaga, mais passageira. Eram tantas famílias para cuidar ao mesmo tempo, além dos dois filhos, que o preto começou a dar lugar para azul marinho, verde e por fim tons claros.

“ Para quem vem de um país onde apenas 6% da população é miserável, SC parece ter uma situação delicada

- Era quase egoísta da minha parte. A cada família que encontrávamos, as conversas me ajudavam mais do que a eles, provavelmente. Você via com o que cada um deles tinha que lidar todos os dias e ficava comovida. Eu tinha perdido o amor da minha vida, mas algumas daquelas mulheres ti-

nham perdido tudo. Era *overwhelming* - olha em busca de uma confirmação e continua -, mas ao mesmo tempo muito terapêutico.

Tão terapêutico que Bébhinn começou a deixar a sombra do marido para trás. Apenas as fotos em cima das mesas eram suficiente, não precisava mais carregá-lo como uma bola de cimento em seu tornozelo. Começou a namorar e logo veio a notícia: estava grávida.

Um ano depois ainda estava em Florianópolis cuidando da ONG e de seus três filhos. De marido novo e tranquila, uma sensação irreconhecível depois de cinco anos complicados. Olhando para sua prole brincando com seu novo companheiro, viajou o olhar e parou em seu dedo médio. Depois de uns segundos de contemplação, viu que a aliança dourada que a fez companhia por tanto tempo não estava mais lá. Ficou nervosa sem saber onde a tinha colocado, até que lembrou do banho que tinha dado mais cedo em seu caçula. Ele tinha sinalizado que queria encostar no anel e ela o tinha dado. E tinha esquecido. Sorrindo levemente se recostou na poltrona da sala e olhou para a sua nova família. Já era hora de voltar à Inglaterra.

Um tremor haitiano

Em 2010, um terremoto devastou a capital do país mais pobre das Américas. Além dos 200 mil mortos, mais de 60% da população ficou desempregada

Quando o sol nasceu na manhã daquela terça-feira, 12 de janeiro de 2010, ninguém imaginava o que estava por vir. Um tremor de 7 graus na escala Richter assolou a cidade como se ela fosse feita de areia. Igrejas, casas, mercearias caíram ao chão sem aviso. Nem a mais solene árvore, que antes parecia congelada num dia sem vento, deixou de balançar compulsivamente.

Gritos ecoavam a cada esquina, alguns abafados pelos quilos de gesso que os separavam do ar puro. Os militares vindo de cada canto do mundo não sabiam se corriam para a direita ou para a esquerda. A confusão era grande e se alastrava com velocidade. Estimativas

oficiais falam em quase 200 mil mortos, o equivalente a 20% da população da Capital, que à época era de 10 milhões de habitantes. Caminhões passavam com caçambas lotadas de corpos pela cidade. Nada parecido com os treinamentos oferecidos pela ONU antes do embarque.

Lageano de nascença, Juliano Siqueira se via em uma encruzilhada. Há seis anos no Exército Brasileiro, as opções eram poucas. Não sabia se a rigidez da vida em quartel era sua vocação e desaprovava o salário irrisório pago aos cabos. O descontentamento crescia a cada dia e a vontade de buscar novas oportuni-

dades começava a sufocar e ocupar cada segundo.

Quando o terremoto abateu Porto Príncipe, o Exército Brasileiro duplicou seus enviados para as Minustah (Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti). Os 1150 que eram mandados um ano antes – entre o Batalhão de Infantaria e a Companhia de Engenharia –, agora eram 2300 que embarcavam a cada seis meses com destino à América Central para se juntar aos outros 5 mil vindos de outros países como França e Estados Unidos. E em janeiro de 2011, Juliano estava entre eles.

Um ano depois do tremor, a cidade parecia em guerra. O chão coberto de uma areia

misturada ao pó branco do gesso das casas criava uma névoa clara que contrastava com a pele escura como o breu dos moradores. A água ao longe que banhava a areia fofa não parecia combinar com os barracos improvisados logo perto, que lutavam para permanecer em pé.

De todas as Missões de Paz que desembarcavam semestralmente no Haiti, a mais bem vista, de longe, era a brasileira. E não era só pelo comando das Forças de Paz, que era brasileiro desde o início dos trabalhos em 2004, nem só uma conexão de sorrisos e do jeito despreocupado de ver a vida, era algo que ia mais além. Era uma dependência da solidariedade vista apenas com os homens com fardamento do Brasil.

- Eles já eram pobres. A última grande fonte de renda deles eram as plantações de cana um bom tempo atrás. Depois, o povo foi ficando muito pobre e com o terremoto, tudo piorou. E por algum motivo nós, brasileiros, sempre procurávamos ajudar no que podíamos.

Qualquer esmola dada em dólar era uma fortuna para os haitianos. Cada dólar equivale a 45.3419 gourdes. A desvalorização da moeda era um sinal claro de uma economia decadente. Ainda basicamente agrícola, as plantações de cana, que antes proviam o sustento de grade parte da população, hoje perdiam força para ou-

tros produtores maiores, como o Brasil. A plantação de café, sem estímulos ou investimentos também caía na precariedade. A decadência da agricultura deixou quase 70% dos haitianos desempregados.

O país necessitava de uma reforma urgente na economia, mas os poderes executivos reservavam suas forças em lutas internas de poder. Desde que o ditador François Duvalier, o Papa Doc, assumiu a presidência em 1957, o Haiti sofreu com repressões e prisões de donos de jornais, rádios e televisões. O exército, formado pelos *ton-ton macoutes*, se tornou quase que exclusivo para conter opositores. Com a morte do ditador e a queda de seu filho, o Baby Doc, o país entrou em guerra civil para a sucessão. Anos de brigas internas desconstituíram o exército local, mataram milhares de “opositores” e deram ao Haiti o título de país mais pobre das Américas, com U\$ 340 de renda *per capita*.

Enquanto o Batalhão de Infantaria se ocupava em fazer patrulha nas ruas, agindo com um exército local, a Companhia de Engenharia era responsável pelas obras de reconstrução da cidade. Estradas, prédios públicos, muros de terrenos, limpeza de escombros, tudo passava pelas mãos dos brasileiros. E pelas mãos de Juliano Siqueira, que atuava como motorista e auxiliar de obras.

“Anos de lutas internas deixaram o Haiti com uma renda *per capita* de U\$ 340 e o com o pior IDH dos países americanos



Juliano Siqueira faz parte dos 2300 militares brasileiros enviados todo semestre para atuar nas Forças de Paz do Haiti

- As obras eram escolhidas a dedo pela ONU. E dava para perceber o porquê de algumas delas. Uma vez construímos uma estrada de nada para lugar nenhum e depois descobrimos que era uma passagem estratégica para uma sede das Nações Unidas...

Uma das primeiras obras que foi realizar quando chegou ao Haiti, Juliano auxiliou na construção de um grande muro para restringir a entrada de pessoas em uma comunidade logo na saída de Porto Príncipe. A facilidade de acesso estava deixando o local fragilizado e com muitos casos de assaltos, agressões e estupros. Uma entrada única deixaria mais fácil o controle por parte dos militares de quem entrava na região.

O projeto durou algumas semanas. Em um dos dias, os soldados viram uma movimentação estranha para o

horário. Dezenas de haitianos formavam um círculo enquanto gritavam palavras no dialeto local, o creole. Desconfiados, os membros daquela missão se aproximaram para ver o que estava acontecendo.

Um homem estava deitado no chão em cima de uma poça de sangue. Afastando rapidamente os haitianos em volta, os soldados pegaram o homem e o retiraram de lá. Mole depois do espancamento, sua cabeça sofria para ficar ereta. Quando a levantaram, perceberam que seu olho direito quase saltava da órbita. Alguns militares ficaram para trás para entender o que tinha acontecido.

- *Il a violé une jeune fille!* - gritavam e apontavam indignados os haitianos.

A ideia de “justiça com as próprias mãos” era algo que se alastrava rapidamente pelo país. Tanto tempo sem uma policia local eficiente, fazia

com que eles se habituassem a ignorar o poder judiciário e fossem atrás de soluções mais “rápidas”, como era o caso do haitiano flagrado cometendo um estupro.

De todas as missões feitas pela Companhia de Engenharia do Exército a que mais frustrava Juliano era a limpeza de um rio que cortava a cidade. Ele não era utilizado para a retirada de água e tampouco era agradável aos olhos. O cheiro de comida em decomposição misturado a sujeira e muito lixo tornava o trabalho quase insuportável e fazia com que Juliano se perguntasse como as pessoas em volta conviviam com aquilo.

Em uma das várias horas que passou sozinho na retroescavadeira tirando centenas de quilos de todo tipo de lixo do leito do rio, ele entendeu como aquilo ficava tão imundo em tão pouco tempo.

Uma mulher que não passava de seus trinta anos apareceu, escondida pela noite escura e a pouca iluminação da avenida. Em seus ombros um enorme saco verde-vômito e em suas mãos mais um que quase rasgava pelo peso. Desajeitada pela quantidade de lixo que carregava, a haitiana andou sem constrangimentos até o leito, olhou para a escavadeira e despejou tudo. Sem cerimônia.

A falta de cuidado era algo que perseguia em todas as ruas, avenidas e ruelas de Porto Príncipe. Podia ser no centro da Capital ou em um terreno baldio no meio do mato, em todas, a sujeira era um problema sério. Esse era também um dos motivos pelo qual o país possui o pior Índice de Desenvolvimento Humano das Américas, avaliado em 0,4 de acordo com a ONU. A educação do Haiti também passava longe de adequada e com mais da metade da população analfabeta.

- Eles não cuidavam da própria cidade! Não era incomum andar e ver uma mulher se agachando para fazer necessidades na rua e depois continuando a andar. Assim, como se não fosse nada.

Apesar da situação complicada, medo não era algo que Juliano sentia andando pelas ruas de Porto Príncipe. O fardamento era respeitado e em

seus seis meses no país, não teve que sacar a arma sequer uma vez. Mas, um dia, o pavor tomou conta de seu corpo sem nenhum

Ao fim de mais um dia de trabalho, a Companhia de Infantaria estava recolhendo o material do chão para colocá-lo novamente no caminhão e voltar para o alojamento, que ficava em um canto afastado. O calor finalmente ia dando uma trégua enquanto o sol caía lentamente no horizonte.

“ O terremoto não foi o que destruiu o país. Algumas questões são culturais e muito mais complexas

Com o canto do olho, Juliano percebia que vários haitianos iam surgindo e se aproximando do batalhão. Os passos eram contados, receosos. Eram dois, depois cinco, depois vinte vindos de todas as direções, fechando um círculo. Confuso, ele olhou para os lados e percebeu a pilha de barrinhas de cereais, água e biscoito de água e sal que estavam afastados do caminhão.

O Exército Brasileiro sempre levava mais comida e água

do que iria consumir em um dia de expedição. Era de praxe deixar o excesso para os haitianos, já que cerca de 80% da população vive abaixo da linha da pobreza e não tinha nem água potável.

Normalmente, eles esperavam a saída dos militares para pegar os alimentos, mas não dessa vez. Mal os brasileiros tinham se afastado para voltar ao caminhão, os haitianos avançaram na pilha. Crianças, adultos, idosos. Todos lutavam por um pedacinho sem se lembrar de quem estava ao lado, ou, talvez, sem ligar. A cena era brutal e deixou os cabos assustados. Para tentar dispersá-los, os soldados utilizaram gás de pimenta. Mesmo com a ardência nos olhos, eles permaneceram um tempo ali.

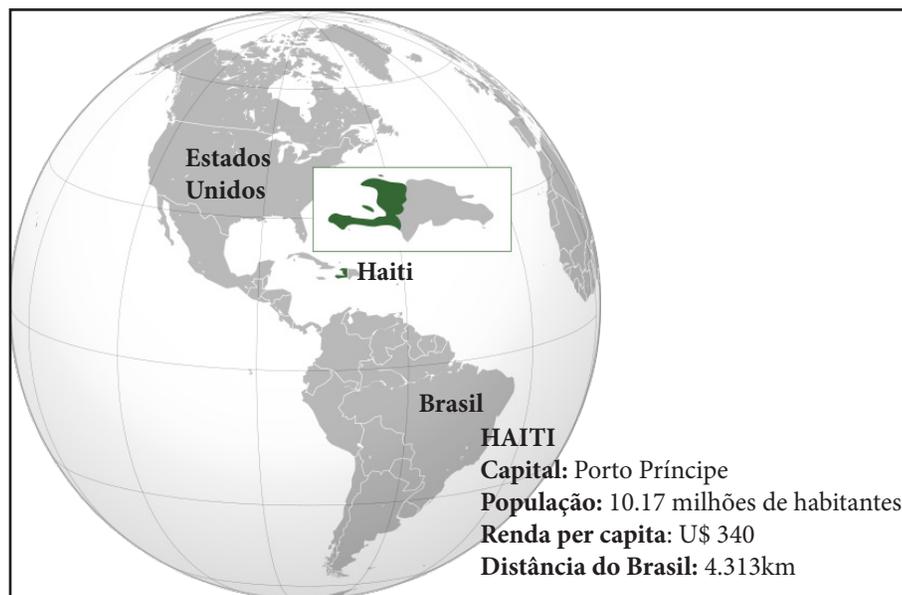
- Olhando aquilo você via o desespero deles. Toda a humanidade tinha deixado aquelas pessoas. Era uma questão de sobrevivência. E só.

Saindo de lá, Juliano começou a pensar no que acabara de ver. E um sentimento de pena se misturou a uma vontade incontável de voltar para casa. Ao chegar em seu alojamento, ligou o computador e tentou falar com sua família em Lages.

Todos os militares em missões de paz eram visitados mensalmente por uma psicóloga brasileira. Mas isso não conseguia eliminar as de-



Muitas crianças haitianas esperam a saída dos militares para pegar um biscoito. Às vezes a única refeição do dia



sistências e os retornos precoces para casa. Alguns dos soldados começavam a ficar paranóicos ou deprimidos e eram mandados de volta ao Brasil antes de seus seis meses terminarem, e pouquíssimos recebiam a liberação para uma segunda temporada no Haiti.

Para tentar fazer com que os

soldados relaxassem, a ONU fornecia pequenas férias aos em missão, que poderiam ser retiradas fracionadas. A ajuda de custo dada em dólares e pouco utilizadas nos quartéis pagavam boas viagens pelas ilhas caribenhas ou para os Estados Unidos. Era uma maneira de evitar que a carga emo-

cional se tornasse insuportável para aqueles que ficavam em Porto Príncipe.

- Não foi o terremoto que acabou com o país, como muitos pensam. A situação já era difícil. Os haitianos não precisam só de obras. É mais sério que isso. Algumas coisas são culturais.

**Universidade Federal de Santa Catarina
Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo
Sem Fronteiras - Histórias de Trabalhadores
Voluntários Pelo Mundo**

**Fotos: Arquivo pessoal
Projeto gráfico e textos: Julia Ayres Vieira
Prof. Orientador: Jorge K. Ijuim**

Julho 2014

